



arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivors.com/miguel_ocoronel.pdf

O CORONEL JÁ NÃO MANDA MAIS NO TRECHO

Miguel Carneiro

O CORONEL JÁ NÃO MANDA MAIS NO TRECHO

O Arquivo de Renato Suttana

http://www.arquivors.com/miguel_ocoronel.pdf

2008

Publicado originalmente pela Editora Nelpa, São Paulo – 2008 – 83 páginas.

CAPA:

FLORIVAL OLIVEIRA (fotografia, janela da Oficina de Luíz Ferreiro, Riachão do Jacuípe, 2007)

Página 13 - Xilogravura: Calazans Neto

DO AUTOR

Même Si Maman Me L’Interdit, J’Y Arriverai, tradução de Pedro Vianna, Paris: 1976. – **Pelas Lupas do Jaguaracambé e Outros Poemas**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1986. – **No País dos Kiriris**. Salvador: Editora do Brasil na Bahia, 1995. – **Os Cânticos**. Salvador: Gráfica da Assembléia Legislativa da Bahia, 1996. – **Esconso e Outras Histórias**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Coleção Selo da Bahia, 1996. – **O Diabo em Desordem**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Coleção Apoio, 2001. – **Boca do Tempo**. Salvador: Editora Maracujá de Vez, 2002. **A Peleja da Mulher Cacaueira Contra o Pão Que o Diabo Amassou**. Cadernos do CEAS, 211, Cordel. Maio /Junho 2004.

PRESENÇA EM ANTOLOGIAS

- **Anthlogia Punhética da Bahia**, Editora dos Esquecidos / Tempostal, Salvador, 1973.
- **Sete Cantares de Amigos**, (Organizador), Edições Arpoador, Salvador, 2003.
- **E os Poemas de Que Falei**, Banco Capital, Salvador, 2005.
- **MídiaPoesia2**, FAZCULTURA / DaRim Produções, Oscar Dourado, Salvador, 2004.

DRAMATURGIA

Pã, Escola de Teatro da UFBA, 1973; **Sob o olhar do Cordeiro**, Sala 5, Escola de Teatro, 1993; **Onde se escondeu Rasgaluna que não quis ver o luar?** Sala 5, Escola de Teatro, 1994; **Tamatião Fumega**, **O Anacoreta**, Teatro Expresso Bahiano, 1995; **La Nonna di Palermo**, Teatro Santo Antonio, 1996; **Pensão Paraíso**, Teatro Casa do Comércio, 1995; **Os Dragões da China**, Teatro Martim Gonçalves, 1997.

CINEMA

Dirigiu, roteirizou o documentário “**Eu vi a Coluna Prestes passar**”, prêmio Fernando Coni Campos, Governo do Estado da Bahia, 2003. Roteirizou e co-dirigiu: **O Glorioso São Roque do Jacuípe**, direção de Luíz Wenderhausen, 1998. Co-dirigiu o curta-metragem, em 16 mm, **Riachão do Jacuípe**, direção de Ilya São Paulo, 1975.

AOS POETAS E AMIGOS

José Ferreira Filho
José Eduardo Terrin de Souza
José Abraão Carneiro Neto
Ildásio Tavares
Eleonora Cahahyba
Olny Silva
Maria da Conceição Paranhos
Edelzuita Melcliades Conceição
Rita de Cássia Conceição Carvalho
Gustavo Felicíssimo
Bernardo Linhares
Adelmo Oliveira
Renato Suttana
Soares Feitosa
Milton Primo
Herculano Neto
Sérgio Damião Pereira
Gabriel Tiacci de Souza Mello.

E em memória de meu pai
José Abraão Carneiro.

**“Os fantasmas andam
E desandam pela casa
Perseguem minha sombra
E meus tormentos**

**Discutem filosofia com o silêncio
E adoram ouvir na escuridão do pátio
Quebrarem-se espelhos e vidraças”**

*In Oliveira, Adelmo, Três Fragmentos/ II Os Fantasmas,
Salvador, Edições Arpoador/ EGBA, 2005.*

**“ E daquelas pessoas,
quando perguntei por elas,
fizeram-me um gesto distante.**

**Perguntei por mim;
ninguém sabia quem era.**

**Eu disse:
é um conhecido meu que gostava muito
daqui.”**

In Feitosa, Soares, Réquiem em Sol da Tarde, Carmina Effigies, Salvador, Edições do Autor, 1996.

**“Por último, este fantasma,
com que eu não tinha contado:
seu vulto esquerdo, parado
(tal mecanismo me pasma!)
.....
este estar só, num caminho
(não haver outro), este rosto
que me surgiu num agosto,
este ferrão, este espinho.”**

In Suttana, Renato <http://www.arquivors.com>



O coronel Trazíbulo Fernandes da Cunha vivia na safação, à tripa forra e, com aquela cabeça de arromba-navio, mantinha-se pesado, sentado no imenso gabinete, no sofá de palinha, na tarde calorenta. Pelas paredes fotos dos antepassados se distinguiam de chofre numa moldura oval: o tenente-coronel Alexandre Fernandes da Cunha, seu pai, e D. Ebonina Carneiro da Cunha, a mãe, uma espécie de fração imprópria que todos tratavam de Dona Rola. Num canto da sala havia um cabide para colocar chapéus, bengalas e a capa colonial. No outro canto quase à mostra, à porta de entrada, ficava o enorme cofre, onde ele guardava armas brancas e de fogo, a fortuna de documentos de suas sesmarias, o ouro e o vil metal. Dali de sua sala, através de um binóculo, o coronel enxergava embaçadamente o passar dos transeuntes pela praça do pequeno arruado e divisava o entra-e-sai de devotos e beatas na igreja matriz daquela freguesia.

De invernadas e estiagens brabas que assolavam aquele ermo contava com suas noventa e nove quadras natalinas no calendário gregoriano dos homens. Vestia-se feito um lorde inglês, a enorme calça de casimira, com o relógio de bolso à mostra e seu cordão de ouro, a camisa de linho pérola com abotoaduras de prata no punho e monograma no bolso da dita vestimenta

esporte, o suspensório segurando a calça na arreata, o bandulho na caixa do peito e o anel de brilhante no anular esquerdo. Tinha a estampa de barões da renascença veneziana. O bigode cheio, descendo no canto da boca, e o falar arrastado parecendo que carregava nas cordas vocais um carro de boi rangendo na ladeira do Corcovão.

Desde as cercanias da Serra do Ouro, em Jacobina, passando pela Serra do Bugio, na Ingazeira do Norte, e confrontando com a Mumbuca, nas proximidades de Serrinha, onde os Carneiros vieram a fundá-la, nas cabeceiras do Rio Ingazeira, o Coronel Trazíbulo, mantinha seu domínio territorial. Dividia, porém, o seu poder com o coronel João Paulo da Silva Carneiro, que se estabelecia numa fazenda de gado para lá do Rio Tocós, e o coronel José Rufino Carneiro, na Fazenda Harmonia, onde, nesse quinhão de léguas, de senzalas no sótão do sobradão e instrumentos de tortura para domar negros africanos fujões, querelava com o coronel do bangalô da Praça de Ingazeira do Norte.

No tempo em que Joaquim Carneiro se tornou intendente daquele arruado, seu companheiro de partido, o coronel Trazíbulo Fernandes da Cunha, teve um dia de largar sua sala de visita, reunir seu próprio corpo de milicianos para rechaçar a invasão do capitão da Guarda Nacional, Francolino Pedreira, que descera da freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Gavião, onde reinava, naquele cafundó do Judas, para derrubar a intendência e tomar o poder de assalto.

Foi quando o Coronel Trazíbulo Fernandes da Cunha se envolveu naquelas brenhas de caçutinga, velame, favela e incó para restabelecer a ordem a seus munícipes naquela revolução sertaneja.

Havia lutado na Guerra de Canudos o destemido capitão Francolino Pedreira, e de lá tinha trazido a patente, a espada e os galões dourados que ostentava em seu palácio, regaliando grandeza bélica. Dizem que quem vai à guerra dela nunca se esquece e carrega pelo resto da vida aquela cena fantasmagórica na retina do olhar. Francolino Pedreira, pelo que representava para a Nação, vivia postergado na solidão de morcegos. Sem autoridade e sem poder sequer nomear um inspetor de quartirão em seu próprio reduto. E assim, de sangue no olho, aquele arranca-rabo banzé se deflagrou naquele borocotó em três dias e três noites com Francolino tomando balaço de açoite pelas costas, e quando viu que não havia mais alternativa senão recuar e bater em retirada com seus homens e quando a cara da batalha mostrou-se inglória, marchou com seus capangas a galope na retirada do flanco, deixando para trás o arruado para seus verdadeiros alcaides. E, com seu bilhete de suma-se, encanfifou-se em Gavião a grupar veado. A quem o diabo tomou uma vez sempre lhe fica o jeito. Aquele seu jaculebu, aquela sua laúza não obteve o menor sucesso. E ficou como lexéu, naquela sessão de atrapalha durante muito tempo, feito sobejo de defunto. A espada e o fardamento tomando poeira e ele

zoró por dentro do velho casarão. Foi assim que o tempo armou a zagaia da armadilha para o capitão da Guarda Nacional das terras do Gavião.

Com o tempo o arruado aos poucos começava a respirar, ganhar novos ares, e o Coronel Trazíbulo caía mais uma vez na graça do povo. Aquele reduto se mantinha pertencente juridicamente a Cachoeira, que ficava distante da sede por três rios: Tocós, Peixe e Ingazeira do Norte. Só se ia lá a negócio, viagem essa que custava um dia e meio no lombo de uma mula de picado. Com o tempo, Cachoeira tornou-se para aquele povo a capital da Bahia. Na cidade heróica se achava de tudo. Desde artigos importados da Europa às especiarias mais caras do Recôncavo Baiano. Para aquela gente não era necessário se dirigir à verdadeira capital, Cachoeira abastecia o Sertão. O próprio Coronel Trazíbulo tinha sua tropa de burros que a cada mês descia para Cachoeira para buscar farinha, charque e aguardente para abastecer a caatinga durante duas quadras.

O corone Trazíbulo, foi se mantendo em seu estado durante quase um século. Seu pai, o tenente-coronel Alexandre Fernandes da Cunha, já tinha dominado, o século passado. Parecia que aquela terra estava fadada a condição de capitania hereditária. Os governos se sucediam, e o caudilho se mantinha na vanguarda do poder. E a cada ano sua extensão territorial se ampliava com a posse ilegal de terras com barulhos e questões.

Durou cerca de trinta anos a questão de litígio da área da fazenda Bom Gosto nas lides dos tribunais contra os herdeiros de Zé Adolfo. Foram anos e anos de embargos contestatórios, de audiências, de ouvidas de testemunhas, de perícias, de protelações, de pagamentos de honorários aos advogados. O volume dos autos a cada ano aumentava ao ponto de, ao término da sentença final, chegarem a ocupar uma sala inteira do Cartório dos Feitos Cíveis.

A fortuna do Coronel Trazíbulo a cada ano se multiplicava. Sem ele nunca ter plantado na vida uma cova de feijão, sem nunca ter tangido uma boiada, sem ter nunca ferrado uma rês. Seus vaqueiros, que eram inúmeros espalhados por suas propriedades; constituíam um séquito de eleitores submissos com filhos e agregados espalhados pelas caatingas. Cada vaqueiro tinha tratamento de escravo, sem direito a nada. Um mísero soldo a cada semana para sustentar a enorme prole e uma quarta de farinha e charque para aliviar a fome. A preguiça morava no lombo do Coronel da Praça dos Tamarineiros. E ele vivia a la godaça. Mesmo nas festas de apartação os vaqueiros dele não tinham direito a nenhuma regalia, na hora do almoço o repasto era servido em casco de cágado para mostrar que vaqueiro não devia ter soberbia.

O vaqueiro Antônio Santana fora seu serviçal e vaqueiro durante quarenta anos, sendo-lhe fiel, trazendo riqueza. Morava na fazenda Amargoso, para os lados do Tolete e da Toca da Onça, com sua numerosa prole. Nunca o traiu, nunca lhe passou a perna na ferração do gado. Um dia, sem mais pra quê, emitiu uma opinião sobre a passagem de um corredor numa querela do

Coronel em que ficou por questão de justiça ao lado do desafeto do cabrunco. A notícia chegou aos ouvidos do demônio e numa manhã de sábado, dia de feira, quando Antônio Santana foi ao palacete do Coronel buscar sua feira, recebeu seu bilhete de alodê. A desgraça, para ser completa, precisa ser bem feita. Foi posto pra fora da fazenda, sem direito a nada. Choqueado com a desfeita para quem trabalhou a vida inteira, morreu enfartado num beijo de tanque, com aquela desfeita provocada pelo sisudo. Vaqueiro dele não tinha ter opinião e só podia rezar pela cartilha do patrão. “Vaqueiro e sal” pelo sertão era a coisa mais barata de se arranjar, essa era a opinião de Trazíbulo. Para o Coronel, macaco não briga com o pau aonde sobe, e sempre se disse que palavra de mais só custa dinheiro em telegrama.

No tempo de 1849, quando o barão Homem de Melo foi o presidente da Província da Bahia, a estiagem tomou conta da caatinga, trazendo calamidade e morte. E para aliviar o sofrimento do povo, o governante baiano doou à intendência uma quantia vultosa para erguer o templo de Nossa Senhora da Conceição de Ingazeira do Norte, ficando à frente da obra o tenente-coronel Alexandre Fernandes da Cunha, que era pai do Coronel Trazíbulo. A igreja velha era semelhante a uma tapera, de parede de barro cru atravessado e pindoba no telhado. O templo foi erguido e as torres ficaram com um aspecto moscovita. Na fachada, após o término das obras, o tenente-coronel mandou colocar no pórtico do templo suas iniciais demarcando para o futuro como se fosse ele quem deu o dinheiro para construir a igreja. E até hoje o povo do arruado induz que foi Alexandre quem construiu a igreja matriz.

Alexandre era filho de Tote Cunha, que viera de Cachoeira, na Bahia, para mascatear na terra e por ali ficou. Casou com uma moça da família dos Carneiros, que foram os primeiros desbravadores da região. Conforme relata Dr. Antônio José de Araújo, juiz de Jacobina, em sua obra *A Família de Serrinha*, publicada em junho de 1926. Afirma o autor que Antônio Carneiro morava em São Bartolomeu, hoje termo de Ingazeira do Norte e então de Cachoeira; tinha seu lar no lugar mais tarde conhecido por Sítio dos Carneiros, por haver ali fixado residência o alferes José da Silva Carneiro, filho de Antônio Carneiro da Silva, e ter-se tornado chefe da numerosa prole, toda com o sobrenome de Carneiro.

Essas famílias ramificaram-se depois por Cachoeira, Feira de Sant’Anna, São José de Itaporocas, Santo Amaro, Água Fria, Pedrão, Inhambupe, Ingazeira do Norte, Coité, Monte Alegre, Jacobina, Sento Sé. Em 12 de janeiro de 1741, por escritura pública passada na Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, Antônio Carneiro da Silva comprou a Santa Casa de Misericórdia, representada por seu procurador Francisco de Sá Peixoto, a fazenda São Bartolomeu, no termo da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Vinte e cinco anos depois, Antônio Carneiro da Silva, comprou a Manoel Saldanha, por escritura pública passada em notas do tabelião da

Cidade do Salvador, Antônio Barbosa de Oliveira, o sítio Bom Sucesso, Boqueirão e Tocós, que parte ao meio com a fazenda da Serrinha, pelo lado do Morro.

O mestre de campo Antônio Guedes de Britto, bisavô de D. João de Saldanha, Conde da Ponte, sertanista como seu pai, Antônio Correia de Britto, que já havia tido muitas sesmarias e posteriormente teria ainda de possuir várias outras mais importantes, por Carta Régia de 21 de julho de 1609, obteve todas as terras existentes entre os rios Itapicuru e Inhambupe, nas cabeceiras das que já possuía nas nascentes dos rios Real e Piagoay, e, para o sertão, mais dez léguas medidas rumo direito com todas as pontas, enseadas, matos, águas e mais pertences e essa data de 1609 compreende os então conhecidos por sertões dos Tocós, do Pindá e do Tucano. Abrange os atuais municípios de Queimadas, Tucano, Araci (Raso), Conceição do Coité, Serrinha e Ingazeira do Norte, que separados por pequenas distâncias entre si se ligavam pela comunidade de interesses de seus habitantes.

Alexandre casou-se com a moça da fazenda Bom Sucesso, da família dos Carneiros, e após a morte dos pais tornou-se tutor de toda a família, inclusive de um menino que mais tarde seria alferes, vereador, coletor do Estado e primeiro professor público para uma escola de rapazes. Esse moço era possuidor de toda a faixa de terra da antiga fazenda Ingazeira do Norte, de onde se originou a cidade. Ao ver o menino crescer e ganhar corpo, Alexandre deserdou o pobre infante, deixando-o sem eira nem beira, surrupiando-lhe as terras. O menino Ângelo Ambrósio de Figueiredo ficou feito bilhete de sereno, na rua. Cresceu em meio às perseguições dos Fernandes da Cunha, e já velho, tomando conta da coletoria estadual no município, na partilha de um bem semovente, um escravo de nome Justino, que pertencia a sua família, avaliou pela quantia exata e justa. Cada um com sua certeza. E ninguém é moeda de vinte patacas pra agradar a todos. Foi o bastante para pedirem a sua cabeça ao Governador da Província, botando-o para fora da coletoria, alegando que ele era um alcoólatra e terem-no colocado para fora da cidade num carro de bois, ele e sua família, com destino a Santo Antônio de Jesus. E assim com o tempo os Fernandes da Cunha iam fazendo a fortuna territorial.

O Coronel Trazíbulo era detentor de um estranho poder de clarividência. Por cinquenta anos esse fenômeno o acompanhou, livrando-o de emboscadas, tiros e envenenamento. Quando o sujeito ia procurar o Coronel e subia as escadarias que levavam a seu gabinete, de onde ele estava, sentado como sempre em seu sofá de palhinha, já lia o bilhete no bolso do portador. Quando o mensageiro entregava a comunicação o coronel já dizia, antes mesmo de ler: “Diga a fulano de tal que...”. Quem tava de parte não entendia nada. Mas como todo mingau tem seu dia de araruta, numa casa de santo em Cachoeira, à qual um dia o coronel se dirigiu para uma consulta, esse seu estranho poder lhe foi tomado por uma sacerdotisa africana, ficando o coronel como todo mortal,

sujeito às intempéries do destino.

As terras do Coronel eram medidas por Aguinaldo, um velho agrimensor, que passara a vida toda a trabalhar para a família Cunha. E nessas medições muitas terras dos outros foram passadas para trás, na mira da vara e do jalão, na medição da perna. Foram inúmeras braças perdidas, pois nesse tempo os rumos de demarcação eram alguns acidentes geográficos. Não existiam cercas, eram léguas e léguas de terra, com o gado solto na caatinga, apenas o ferro no lombo do animal com as iniciais do dono. E assim como seu gado que era criado solto pelas caatingas, o coronel Fernandes também mantinha seus currais de fêmeas, espalhados que eram pela redondeza de suas fazendas. Naquele tempo em casa de pobre, ao meio-dia, mosca fazia samba debaixo da panela vazia. E na época, que ele reinou virar sua amante tornava-se um privilégio. Decerto elas teriam: trancelim de ouro, tecidos, perfumes, pistom de capa e terras.

Tempo é remédio e foi o Coronel Trazíbulo se amasiando pela vizinhança com todo tipo de quenga, botando filho bastardo no mundo, enquanto a velha mulher dentro da casa, de rosto parecido com anjo de altar, daquelas imagens barrocas que mais parecem estar chupando limão, ficava alheia ao mundo e à sua volta, a ver passarinho verde. Louca, trasvariando, sentada numa cadeira de plástico, ainda com a autoridade de nobreza inglesa, digladiando com a própria claridade do sol.

As quengas do Coronel Cunha eram marcadas como se fossem suas reses na vasta caatinga. Bastava andar pelo arruado para serem apontadas como propriedade daquele que mandava e desmandava na grei. Suas feiras semanais eram entregues em suas próprias casas, em fartos bocapios e em cada banca de açougue do Mercado Municipal tinham suas contas de fiado em nome de seu amante. Não passavam fome e, quando qualquer questão envolvia o coração de seu macho, eram as sujeitas quem, com treita e jeito, domavam o espírito do sisudo e fazia ele atender seu pedido.

Em 1850, o intendente da joça, tenente-coronel Alexandre Fernandes da Cunha, mantinha seus currais de porteiras abertas e seu gado e sua criação solta pelo ermo da caatinga. Foi nessa época que o arruado sentiu o peso da ignorância. O governo da província mandou construir a Estrada de Ferro da Bahia ao São Francisco, também denominada de Bahia and S. Francisco Railway, que tinha em seu traçado original a passagem dos trilhos e uma estação ferroviária na cabeça de porco que Alexandre dominava. Mas o intendente fez ver ao governo da província que aquela ferrovia só ia causar prejuízos, pois os trens de ferro e os maquinistas bêbados iriam matar os bodes que ele criava soltos. Além de economicamente mais viável, aquele traçado original da ferrovia pela Ingazeira do Norte traria vantagens a seus construtores e ao próprio Estado, porém o governo recuou com os apelos do tenente-coronel e a dita estrada teve de mudar o roteiro e seguiu via Serrinha, alcançando a estação de Salgadália, no município vizinho de Conceição do Coité. Ficou assim, pela primeira vez naquele século passado o capricho do mandatário

atrasando o progresso de seus conterrâneos.

Em 1966, o governador Lomanto Júnior construiu a estrada que liga Feira de Santana a Juazeiro, dotando a cidade de um anel rodoviário que contempla as regiões circunvizinhas - tais como Ipirá, Serra Preta, Coité, tal como fez em Capim Grosso. Mas o Coronel Trazíbulo junto com seus asseclas proibiu tal intuito. E mais uma vez o progresso passou ao largo do velho Ingazeira do Norte dos Bodes. Em Capim Grosso, Lomanto mandou erguer um esquisito e pavoroso monumento para celebrar o intento da via rodoviária mais extensa do estado, com mais de oito metros de altura, todo em ferro retorcido, que os catingueiros locais denominaram de “pau do governo”.

O Coronel Trazíbulo porém não é senhor de toda essa valentia. Na manhã chuvosa de 24 de junho de 1926, chegou um portador a cavalo em sua porta comunicando-lhe que a Coluna Prestes tinha invadido o Pé de Serra e estava a caminho de Ingazeira do Norte. O velho chefe político não contou história, arrumou os mantimentos nos baús, arreou uma tropa de burro, botou a família escanchada nos animais e entrou no mundo. Por oito dias ficou acoitado no ermo da caatinga distante com medo do capitão Luís Carlos Prestes e seus revoltosos. Não quis reunir seus homens para defender o arruado. Seria uma batalha inútil. Preferiu que os revoltosos invadissem a cidade, saqueassem a casa de comércio de que Antônio Geminiano tomava sendo essa grande loja pertencente a Nicolau Farani, italiano, que foi um dos maiores comerciantes da região com lojas também em Mairi.

De alguns filhos de Farani deve ser lembrada Dona Marianina, que se casou com Graciliano Pedreira de Freitas e era a mãe de Lauro Farani Pedreira de Freitas, que, candidato ao governo da Bahia, faleceu em campanha política, num desastre de avião, em 1950. Nicolau deslocou-se com a família, já velho e pobre, para Alagoinhas, e lá faleceu.

A Coluna contribuiu para o empobrecimento de Farani, quando saqueou suas casas comerciais em Monte Alegre, e Ingazeira do Norte, levando cortes e mais cortes de tecidos; pacotes de cigarro, lona, querosene, sal. A Coluna Prestes e todo o seu comando geral chegaram de surpresa no povoado de Pé de Serra, num domingo pela manhã, em 23 de junho de 1926. O adro da igreja de Senhor do Bonfim estava repleto de devotos, pois nesse dia o padre de Ingazeira do Norte, João do Prado Sacramento, realizava batizados. Os revoltosos se espalharam pelo arruado, vinham cansados da longa marcha. Havia muitos revoltosos acometidos de impaludismo, fruto daquela miséria sanitária que ocorria às populações que bebiam a perigosa água potável. Muitos homens vinham deitados em padiolas, que eram transportadas por mulas, com guarda-chuva amarrado na padiola para protegê-los da chuva fina que caía sem piedade.

Em Pé de Serra, nesse dia chuvoso de inverno, antevéspera da festa junina, o músico jacuipense, Anísio Rodrigues Alves, que tocava contrabaixo

si bemol na Filarmônica Lyra Oito de Setembro, tinha-se dirigido à aquela comunidade para realizar uma tocata. Ao lado do padre, foi intimado pelo chefe da Coluna, o capitão Luís Carlos Prestes, a acompanhar a comitiva, à frente da tropa, mostrando os caminhos e servindo de escudo humano. Pela estrada que liga Pé de Serra a Ingazeira do Norte, após passarem pelo Rio Sacraíú, mataram um sujeito por ter-se recusado a entregar seus animais à tropa e ter recebido os revoltosos a tiro de espingarda. Prestes soube que em Serrinha a tropa do governo federal aguardava a Coluna na estação ferroviária. O capitão pretendia, a partir de Serrinha, alcançar o Recôncavo e em seguida a capital da Bahia. Mas com essa surpresa recebida através de telegramas que chegavam à agência de Ingazeira do Norte, o capitão seguiu para Salgadália, recuando. E voltando para Mairi, deu um laço húngaro, uma manobra militar que lhe garantiu o sucesso da longa marcha. Entrando na Bolívia, lá fundou o Partido Comunista Brasileiro. A Coluna nunca capitulou, percorreu vinte e seis mil quilômetros de Brasil, a pé, promovendo a comunicação entre cidades, abrindo estradas, curando gente doente pelos sertões. Nos compêndios escolares os autores brasileiros omitem o feito da Coluna e muitas vezes elogiam ufanosamente o feito de Marcos Polo. Para o Coronel Trazíbulo, ter que dar testa aos guerrilheiros não era uma boa estratégia. E quando não havia mais sinal pela região de que os prestistas voltariam, o Coronel saiu do coito e se instalou com sua família no bangalô da Praça dos Tamarineiros.

A cidade continuava feito cantilena de cego em porta de igreja. E as questões religiosas estavam também atreladas ao poder do Coronel Cunha. Qualquer vigário que fosse nomeado para a freguesia tinha que rezar pela cartilha do latifundiário. A igreja vivia de mão na bunda do coronel. No templo havia o seu lugar na frente, demarcado, com suas iniciais gravadas na madeira do banco para genuflexório. Ali só sentava o coronel e a família. E como forma de ter o poder religioso também em suas rédeas, o coronel doava reses para as festas da padroeira, deixando o vigário da grei rendido a sua ideologia. Foi assim que quando cansou de ser intendente daquela furrupa, nomeou o cônego Henrique Américo de Freitas para lhe suceder à frente da prefeitura por duas gestões. Na terceira gestão, quando os opositores esbravejaram da aberração de continuidade e se encaminharam para a Bahia para denunciar o padre e o coronel ao Governador, o religioso Henrique Américo de Freitas, entre o Palácio Rio Branco e o Hotel Chile, caiu enfartado na calçada, deixando seu nome para abrilhantar uma das ruas daquela cidade.

Aquele 1º de abril de 1964, naquela manhã chuvosa, ficaria incrustado na memória daquela gente. A cidade tinha amanhecido como praça de guerra, onde seis caminhões do Batalhão do Exército de Feira de Santana, repletos de soldados, tomavam conta das ruas. Em cada esquina um soldado de metralhadora em punho intimidava os jacuipenses. O pânico e o medo tomaram conta dos lares. Não se podia transitar livremente e havia a hora

exata para que todos os moradores se recolhessem em suas casas. Em trotes, um batalhão de soldados contornava o pequeno arruado com gritos de guerra. Parecia que aquela gente daquele arruado tinha cometido um grande delito. À noitinha, em comboio, no caminho para a Feira de Santana, no lastro de um dos caminhões, dezenas de comunistas da terra, deitados com a mão no pescoço, como condenados de guerra, desceram em direção à prisão. A cidade ficou silenciosa, não se via ninguém a transitar, nem mesmo os grilos ousavam cantar nessa noite de São Sebastião. Ao longe se ouvia os caminhões roncarem na estrada esburacada.

O Coronel Fernandes, com seu porte de porrão de merda, continuava a praticar seu esporte predileto: as caçadas. De madrugada acordava naquele frege, e chamava uma das inúmeras serviçais da casa e intimava, peremptoriamente:

- A tardezinha coloque água nas panelas. Eu vou trazer dois gaieiros do mato!

E em seu cavalo pampa, selado, com a maria compridinha castigando, tomava o caminho de suas caatingas, armado até os dentes. Passava o dia praticamente enveredado nas caatingas, como inquilino do tempo, com os dois cachorros perdigueiros, naquele frogodó, e na tocaia permanecia, ao longe, mirando o pé de barriguda, na espera da presa. O Coronel tinha uma pontaria de fazer inveja a qualquer bom atirador. E sem perder cartucho, derrubava de vez, num só tiro, com seu rifle de repetição dois bitelos. Amarrava as caças na garupa do cavalo e voltava senhor de si para a casa. O dia se mostrava firme. E as panelas no imenso fogão de lenha borbulhavam na espera das caças. E assim, durante quase meio século, dizimou praticamente todos os veados da caatinga, não deixando um para as gerações futuras, para elas terem o privilégio de conhecer esses bichinhos, só através de estampa de livro. Mas ele se nomeava Coronel Trazíbulo, dono de meio mundo de terras, títulos, mulheres, patacas de ouro, e não tinha satisfação a dar a senhor ninguém. Os outros que viessem lhe prestar contas, lhe tomar a benção e lhe render respeito. Ele, senhor do arraial, decidia tudo. Nesse tempo só chegava à cidade uma mala postal por semana, no lombo de um burro, trazido por Estevão, vinda de Feira de Santana. A linha do telégrafo partia de Feira em direção a Serra das Maravilhas, na Vila Nova da Rainha Doida. O telegrafista da Agência tinha ordem expressa da Bahia para lhe retransmitir qualquer telegrama suspeito que colocasse seu poder de mando a pau a pique. Não havia segredos naquela cidade para o Coronel que ele não estivesse a par da situação. A cidade para ele vivia sem véus. Desnuda a seus olhos marejados e baços de catarata. Contudo, tendo o irrestrito apoio político do governador nomeado pela junta militar, e que ele em sua zona rural representava aquele mundo de um Brasil arcaico, que teimava em continuar no poder, impedindo o povo de respirar, de caminhar com suas próprias pernas, de escolher livremente seus verdadeiros representantes.

Naquele mundo feudal que ainda persistia nos sertões, o governo necessitava do poder dos coronéis, já que pelas grandes cidades e nas capitais dos estados brasileiros havia descontentamento. O governo dos militares empurrou goela abaixo os casuísmos eleitorais, e com isso ajudou a fortalecer as velhas oligarquias que viviam no ostracismo daquele nordeste agrário e corrupto.

O Coronel Cunha tinha sua face personalíssima, de concentrar para si todas as decisões e não dividir o poder com ninguém. Carregava nas costas uma faceta barata de um teatro manjado, encarnando o personagem de “pai dos pobres”, caridoso, católico, temente a Deus, freqüentador de igrejas e procissões. Agregava em torno de si uma legião de compadres, agregados, vaqueiros, o padre, o delegado, o médico, o professor, o intendente, o prefeito, que ficavam dependentes de sua aquinhoadada bolsa e submissos a seu poder e a sua taca.

Ele tinha mais afilhado na redondeza que estrelas no céu de verão. No dia da feira semanal da cidade, uma aglomeração de pedintes se postava na porta do coronel para receber a esmola. Pareciam romeiros pagando promessas ao Bom Jesus da Lapa, a Nossa Senhora das Candeias, ou em Juazeiro do Norte, ao Padim Ciço. Aquele esquema de subserviência deixava o povo cego, anestesiado sem poder se rebelar com o mandonismo local. A cartilha que o Coronel rezava, ditava que quanto mais fodidos, melhores seriam, para serem manipulados e controlados, e assim as quadras se repetiam sem novidades... A estiagem tomava conta do tempo, o povo nada colhia, o gado começava a perecer de caruara e a multidão se multiplicava aos sábados na porta do velho coronel de Ingazeira do Norte para mendigar uma esmola.

O Coronel dormia em quarto separado da esposa, numa imensa cama de casal de jacarandá com a cabeceira indo nas nuvens, e do forro do teto pendia um imenso mosquiteiro para livrá-lo dos pernilongos. Um penico de porcelana de Macau embaixo da cama, um guarda-roupa de solteiro, com um espelho oval bisotado e, na cabeceira por trás da porta, um crucifixo de marfim. O quarto tinha uma simplicidade funcional. Para quem o visitava, caso ele estivesse enfermo em cima do leito, sentava-se ao lado da cama numa cadeira alta de espaldar trabalhada em marchetaria.

A esposa dormia na ala do fundo do casarão num quarto escuro e sem janelas e para alcançar tal aposento a pessoa teria que atravessar toda a extensão da casa. Ao pé da cama da velha esposa do coronel, dormia numa esteira, embrulhada nos tundá a pequenina companhia para acudir à noite caso a velha gemesse.

Por várias vezes, a velha recebeu a extrema unção, quando a enferma se encaminhava para atravessar o pântano de volta à casa do Eterno. Ela já não tinha função nenhuma na casa. E nem o Coronel a procurava à noite para cobri-la de carinhos. Em seu rosto havia um aspecto de amargura. No entanto,

Eunice, uma das serviçais que também a acompanhava, fazia o que o Coronel renegava. A velha tomava banho dentro do próprio quarto onde dormia, numa grande bacia, banho de sapo. E nesses banhos a velha exigia que Eunice com suas mãos de fada lhe masturbasse até ela chegar ao delírio. Aquela cerimônia se repetia há décadas naquele casarão. A siririca da velha tornou-se um hábito natural daquela casa.

As tardes surgiam silenciosas e o Coronel devaneava embevecido com Guanabara, amojada do touro holandês. O touro adquirira no ano anterior, na exposição agropecuária de Feira de Santana, no Parque Joventino Silva, onde compareceu o Ministro da Agricultura para descerrar a placa de inauguração do evento. Lá estava o coronel na primeira fila. Comprou o reprodutor e colocou na Fazenda Bugio para tirar raça. O seu plantel de gado vacum rendia, dava leite, suportava o tempo inóspito da caatinga. Ele queria se assemelhar aos novos ricos, aos novos fazendeiros da região, queria se modernizar. Ficava na solidão vespertina de olhar morto, a porta do cofre aberto à sua vista, o calhamaço de papel à sua frente, em cada um deles os carimbos, o selo do Tesouro Nacional, a fé pública do ato dos tabeliães autenticando para a posterioridade o cabedal daquele latifúndio. Eram documentos que comprovavam sua fortuna, alguns de chão que ele nunca pisou, estrangeiro de seu próprio bem. E de olhar absorto como se por trás de suas costas uma sombra se encaminhasse. Arrupiou-se e virou de lado. Metido num tergal escuro de linho diagonal, um enorme chapéu panamá na cabeça e um rebenque nas mãos, o vulto sorriu.

E foi se aproximando do sofá de palhinha onde o coronel se achava admirando a riqueza, dando passos mais para perto do Coronel e este suspendia as sobrancelhas de pavor. A boca aberta de espanto com a testa franzida, como se estivesse tomado um grande susto. Ele não imaginava jamais aquela visita na tarde solitária de Ingazeira do Norte. Antino Soares já se encontrava do outro lado de lá, há mais de quinze anos, morto. E fazia seu périplo pela casa do panema. Pelo anunciado ali, os mortos não eram impedidos de se aproximar do senhor feudal. Os mortos vinham e voltavam para acertos de contas. Sertão é terra sem dono, destino e tempo tomam lugar de destaque. Sertão é brabeza, não se sonha. Antino Soares soltava seu sorriso de esfinge, tendo a morte no semblante. Balbuciou, tímidamente com a voz carregada de assombro a função daquele seu rendez-vous vespertino na tarde calorenta.

- Lembra de mim cumpade?

Ao que o coronel, pálido de pânico e lembranças amargas, respondeu:

- Como não lembrar de você, Antino! E o que lhe traz aqui, esta hora, já que está morto!

A imaterialidade de Antino Soares embarafustou para o lado do ombro do Coronel.

- Vosmicê não se faça de coió, não é hora de deboche. Nem numas horas dessas, cumpade perde a pavulage. Eu já estou na terra dos sem-dorme, na carninga, sem relambório e com o peito cravado de bala de rifle que seus homens me atingiram. Nem depois que a gente morre se pode resfatelar da tocaia. Vivo no pretume com o peito ardendo em dores. Vosmicê é merecedente de levar o búzio da pior forma possível que alguém na face da terra encontre como destino. Vai chegar o dia, cumpade, que vosmicê vai meter a língua no cu, sem passaladage. Eu não sou palmatória do mundo, mas ainda sou filho de Deus. Quem faz paga, e paga aqui mesmo. Nos confins do Sertão há muitas cancelas para muitas serventias e estribo de prata nunca alumiu o malfeito. Mulher e dinheiro se conhecem pelo cheiro. Para que toda desgraça seja bem feita, ela necessita ser bem desgraçada. Quem puxa ao Cão lhe toma emprestado o chifre e a pata. Vosmicê há de convir que eu não vim para lhe ameaçar. Eu nunca quis ser pele de pica, pra dentro e pra fora. Vim para lhe dizer que vosmicê está preste a subir na fumaça.

O Coronel Trazíbulo se mostrava surpreso, porém não esboçava nenhuma reação diante do fraseado do desafeto Antino Soares. Suspirava fundo, buscando chão, e quando se preparou para levantar do sofá de palinha para enxotá-lo porta afora, o vulto sombrio de Antino desapareceu do gabinete sem deixar vestígios. Apenas um cheiro forte de enxofre permaneceu no ar da sala durante vários dias.

Em todas as esferas do poder, a oligarquia do coronel se achava presente. Na intendência ele mandava e decidia através de qualquer quebra-faca que o representava no executivo. Ele tinha nos punhos as rédeas de seus próprios municípios. Foi tanto que na época de se promulgar as posturas que iriam reger o arruado, o coronel exigiu que algumas sanções deveriam estar na carta magma do município. Leis esdrúxulas que proibiam a passagem de qualquer cidadão pelo passeio de seu casarão após escurecer. Leis que proibiam a emissão de qualquer grito de socorro após o cair da noite. O arruado vivia num regime de exceção. Cidadão nenhum podia correr à noite pelas ruas da cidade sob pena de pegar oito dias de cadeia.

Da Bahia, veio nomeado numa quadra de zembrina certo vigário daquela paróquia de nome Alcides Viriato de Lima para substituir o antigo pároco que fora transferido da terra devido às pressões sofridas pelo Coronel junto ao bispado, para ver longe de seus olhos aquele “padrezinho comunista” que em suas homilias alardeava para o povo que buscassem terra na terra onde viviam e não esperassem terra no reino dos céus.

O padre Alcides chegara para o arraial pisando em ovos, temeroso de desagradar ao Coronel Trazíbulo, o mandatário daquele burgo. Contudo não duraram meses para que o Coronel voltasse a implicar com o novo vigário da grei. E, entreloucado pelo demônio, intimou o velho sacristão Leobino para que envenenasse o padre. O ardid da trama diabólica teve assento na própria

sacristia da velha igreja. E o infame coronel repassou ao sacristão a porção de cianureto de potássio e a ordem de encaminhar o religioso aos quintos.

No momento da celebração, o padre notou que o cálice ficara arroxeadado mas por questões de princípios e de pacto com o divino, conclamou os fiéis presentes a que tomassem junto com ele o cálice daquela celebração eucarística. Não houve ninguém que se dispusesse a embarcar na viagem do padre. Durou apenas algum minuto, antes mesmo da missa findar, para que o padre Alcides caísse morto no próprio altar da celebração. Ficava ali mais um crime de mando nas costas do endiabrado coronel Trazíbulo de Ingazeira do Norte.

O fantasma daquele crime ficara por uns tempos habitando o casarão da Praça dos Tamarineiros. Numa manhã, entre onze e o meio-dia, quando o sol se mostrava alto na abóbada do céu e a brisa se achava distante, escondida num canto do vale do Jacuípe. No bangalô da praça se ouvia, vindo da cozinha, o cochichar de serviçais na labuta do preparo do almoço. Pela casa se respirava o cheiro da fatada de porco, quando o padre Alcides visitou o coronel pela primeira vez.

O padre Viriato surgiu como uma aparição de fim de mundo naquela manhã tenebrosa. Usava roupas clericais quando se apresentou no gabinete do infame. A batina preta, a romeira, o chapéu de rua e o barrete semelhante que usava para celebrar a Santa Missa. O seu olhar desnudava o coronel e esse, de chofre, com os olhos de catarata, divisou a figura esquálida do religioso que ele tinha mandado envenenar. O curioso é que na cerimônia fúnebre o próprio coronel se fez presente ao lado do esquife. O cinismo do homem não encontrava limites.

O padre disse-lhe, olhando fundo em seus olhos:

“Não queirais buscar ansiosa a morte no descaminho da nossa vida, nem adquirais a perdição com a obra das vossas mãos. Porque Deus não fez a morte, nem se alegra na perdição dos vivos. Porquanto ele criou as cousas para que todas subsistissem, e fez saudáveis as criaturas do mundo, e não há nelas veneno de extermínio, nem reino dos infernos na terra. Porque a justiça é perpétua e imortal. Mas os ímpios a chamaram para si com mãos e palavras, e, estimando-a amiga, se desvaneceram, e fizeram com elas tratados, porque são dignos de ser do partido dela”.

Como que por encanto, sem deixar vestígio da aparição, o padre Viriato desapareceu da sala. Havia dias em que o Coronel Trazíbulo descia a rampa com seus inúmeros crimes nas costas que o deixava zozzo, diante de tanta crueldade. Foram dezenas de ciladas, tocaias, delitos que foram sepultados no ermo da própria caatinga, naquele fim de trecho, sem cruz, sem missa de corpo presente, sem padre, sem reza, sem água benta no esquecimento daquele chão vasto e inóspito dos Sertões. Parecia que o coronel também mandava em Deus, pois nada acontecia na face da terra de Ingazeira do Norte. Em cem anos de

mandonismo daquele coronel, o povo a cabresto passou fome de fritar lagartixa na hora do almoço para se alimentar com farinha de guerra. E as tardes, as noites chegavam e o coronel se encaminhava de chambre para dormir depois de fazer o sinal da cruz e rezar o credo. Ele era bem sabedor de que, em tempo de guerra, urubu torna-se galinha. O tempo, porém, em silêncio fabricava a arapuca do mandachuva. Tinha dias em que ele ficava bambo, zanzando pela sala e olhando para o retrato da parede, se benzia, pedia clemência a Deus por sua alma e nesses dias a crista do famigerado coronel ficava caída, de ovelheiro baixo, macambúzio, trôpego, manso feito uma seda dentro de seu mundo. Andava como um chacal no deserto, na solidão de seu casarão. Foi então que numa quadra de quaresma, seus cachorros perdigueiros, amarrados no quintal, latiam desesperadamente sem nada à vista, como que anunciando a aproximação de alguém naqueles domínios. Os cachorros latiam como se fosse um lamento. E, algumas horas mais tarde, eis que um velho de andrajos nobres e um cachorro bate à porta do aposento de Trazíbulo. Tratava-se de São Roque, nascido em Montpellier, na França, e padroeiro do burgo sertanejo. São Roque fazia aquela peregrinação quando ouviu os clamores do povo daquele lugar. A porta de cedro não abria. E o pequeno cachorro que o acompanhava prestou o serviço empurrando com sua patinha aquela pesada peça colonial. São Roque caminhava com dificuldade, mancava e usava um pequeno cajado como apoio em seu caminhar. Com voz encantadora, semelhante a uma melodia, o santo disse ao ancião, que estava deitado em seu leito, preparando-se para dormir:

“O povo pobre dessa cidade me nomeou como orago desse chão. E ouvindo seus queixumes, resolvi lhe dá um breve aviso. Há de chegar o tempo em que vocês me pedirão por socorro, e esse tempo está se aproximando. Vejo suas mulheres alquebradas, de facão amarrado, no tempo. Vejo o fausto de sua geração de títulos comprados e de caxixe, vejo o sofrimento da velha esposa sentada em cadeira de roda, tresvariando entre o pátio e a enorme cozinha. Vislumbro o séqüito de seus serviçais envelhecendo e indo povoar o entorno da pequena cidade. Enxergo vocês com seus currais de eleitores semelhantes a seus currais de gado, onde todos são marcados a ferro em cédulas eleitorais. Mandam e decidem na política conservadora desse pequeno feudo sertanejo. Durante um século vocês da Guarda Nacional ostentaram seus falsos títulos e empreenderam querelas inomináveis por um pequeno corredor, um passadiço, um mourão fora de rumo, um marco que o próprio tempo fazia apagar. E as pilhas de processos de reintegração de posse, de barulho, de questão, avolumando-se na Justiça local. Eram juristas que vinham de longe, casuístas para defender os desmandos, os caprichos de seus constituintes e levarem rios de dinheiro. Os capangas de vocês foram também envelhecendo, e com eles a língua costurada nos segredos, nas tocaias, nos trabucos enferrujados que não mais atiram nem metem medo a senhor ninguém. Foram-se aposentando de seus postos, ganhando um taco de terra como prêmio da lealdade. E nos

pequenos minifúndios foram surgindo os nomes na memória do povo, e vocês morrerão e as fortunas de terra serão divididas, a vacaria se mudará de pasto, e os casarões despencarão no tempo.”

E desapareceu.

Trovões se ouviam à distância quando nessa noite desabou uma tempestade e por toda a madrugada se via relâmpago cortar o céu. Durante três dias e três noites nunca se viu chover tanto naquela região. O Rio Ingazeira tomou água, a ponte ficou submersa, a água invadiu a praça e a cidade entrou em estado de calamidade pública. A enchente trouxe a reboque a febre malina, os ratos e a grande epidemia de cólera e peste. A cidade ficou sitiada, cheia de pessoas com bubões nas virilhas, além de coléricos e pesteados, gemendo pela periferia. Tornou-se em pouco tempo aquele trecho uma cidade maldita em que os viajantes evitavam parar para descansar. Parecia o Patacho Aliança, de quarentena na Costa da África, em Lagos, na Nigéria, em 1899, em que seus passageiros, na maioria baianos, foram acometidos por febres fatais. Ninguém se atrevia a querer contato com aquele termo. Havia uma ordem das autoridades sanitárias impedindo os moradores de deixarem aquele ermo. As ruas e avenidas viviam com as portas de suas casas fechadas com trameças. Ninguém transitava em suas vias.

Em pouco tempo começou a mortandade, levando dezenas de pessoas para a cova rasa da ermida. No próprio casarão do Coronel Trazíbulo, a maioria daqueles que ali viviam morreram pálidos e apertados com o rosto estampado da morte. Restou apenas uma serviçal que se salvou e o próprio Chibata Grande teimando contra o tempo. A solidão passou a habitar em definitivo aquela morada. E numa tarde chegaram à cidade dois caminhões Ford carregados com os brotos do cão e estacionaram na praça, causando alvoroço. Iniciava ali uma nova etapa de sofrimento para aquela região. Os brotos do cão foram encomendados pelo próprio Coronel Trazíbulo junto à Secretaria de Agricultura do Estado para disseminar aquela praga em suas terras povoadas de crimes, de emboscadas e de sofrimento. Aquela planta dizia-se seria a redenção da região. E em pouco tempo só se viu foi fazendeiro, meeiro, agregado derrubando a preciosa caatinga para plantar sisal. O Banco do Brasil, em Feira de Santana, abriu uma linha de crédito incentivando a plantação da praga. Com o tempo os fazendeiros já estavam pendurados nos juros do banco, com as terras hipotecadas, esperando a agave sisalana dar lucro. Só se falava em plantar sisal. Meio mundo de pau foi derrubado para o plantio da fibra. Não sabendo os bestas que por trás corria o satanás com sua bota, escondido que estava em cada pé de sisal que ali se plantasse.

Numa nesga de terra, para os lados do Ichu, em um sítio denominado Queimada da Boa Vista, arranchava-se Duestano de Oliveira e sua numerosa família. Embalado pela febre do ouro verde, resolveu Duestano desbastar seu taco de caatinga e plantar como os outros, também o broto do cão. Durou

quatro anos para que Duestano pudesse fazer o corte e enfrentar um dos processos mais desumanos na agricultura brasileira. Sem dinheiro para adquirir um motor paraibano para desfibrar e uma carroça para levar os fardos para as bateadeiras em Ingazeira do Norte, recorreu ao Coronel Trazíbulo, tomando-lhe dinheiro a juro para comprar sua própria desgraça. Botou os filhos e a mulher no campo. Os filhos todos menores de idade tornaram-se condutores de jumento trazendo a folha desfibrada pela mulher, do campo para a beira do motor, onde Duestano cevava a palha e a estendia para secar. Trabalho do cão com anuência de Satanás maior. Durou um mês inteirinho aquela difícil empreitada até o dia em que por descuido Duestano teve a mão decepada pelo motor paraibano. O sangue jorrava, louco de dor, em cima da própria carroça o filho o trouxe para o posto médico da cidade para salvar-lhe a vida. Sem a mão direita, ficou um inutilizado para o resto da vida. O campo de sisal continuou lá enflechando a cada ano, e Duestano dormindo no relento, nos passeios da cidade de Feira de Santana, na esperança de conseguir uma mísera senha, ser atendido pela bruta funcionária do INPSS, e conseguir a irrisória aposentadoria por invalidez. Os juros da promissória que assinara com o Coronel aumentava a cada final de mês. Alugar o motor a qualquer um não pagava a promissória. Tentar vender, ninguém queria e quem se interessava oferecia bolacha quebrada. Sem solução no horizonte de sua derrota se encaminhou, cotó, ao lado da filha menor de dezessete anos, num sábado, dia da feira semanal no cabrunco, para o batente da casa do coronel Trazíbulo. Entregaria a menina como forma de pagamento do dinheiro do motor. A menor passara a viver no casarão satisfazendo os caprichos sexuais do afamado. À exploração econômica que praticava o coronel desmarcado não estava sujeito somente Duestano Oliveira, mas também toda a sua numerosa família.

Assim Duestano passou a viver açabrunhado no oitão do rancho. A carrega-madeira fazendo ninho no alto do Amargoso, cortando com seu canto o silêncio da tarde, a mulher na cozinha tangendo uma galinha de cima do fogão, e os filhos pequenos embrenhados no pasto, fazendo covas para colherem meia quarta de feijão.

Tal como Santa Maria Egípcíaca, a penitente que entregou seu corpo à turba de barqueiros egípcios e líbios para que a levassem pelo mar até a cidade santa de Jerusalém, para a exaltação do madeiro da Santa Cruz. A moça, filha de Duestano, não se importava com o pudor, e deixava que o velho Trazíbulo, fizesse dela mais uma de suas inúmeras raparigas. Ao final de cada mês, ela porém exigia do velho pabo, que desse a feira ao velho pai aleijado. Trazíbulo, não titubeava, cavalo velho sempre gostou de capim novo. E numa carroça seguia os mantimentos para a família afugentar o fantasma da fome.

Na região de Barreiros, o fazendeiro Desídério, foi um dos primeiros a se quebrar, quando a ilusória cultura do sisal deu para trás. Sua imensa propriedade de mil e quinhentas tarefas ficou hipotecada ao Banco do Brasil. E

Antônio, de ouvido parido, caiu na graça e na lábia miserável do gerente, que lhe ofereceu meio mundo de dinheiro a crédito para que ele plantasse o broto do cão. Com campo inútil e o sisal caindo de preço no mercado, Desidério sentiu de perto o gosto daquela arapuca em que se metera. E não foi somente a Desidério que a desgraça

se abateu. De nada adiantaram os artifícios jurídicos empreendidos por seus advogados, de nada valeram os embargos e as protelações. Banco nunca teve alma. Dinheiro de banqueiro e agiota é benzido por satanás. A bela fazenda do ingênuo Desidério com aguadas, pomares, currais, foi a leilão e nesse mesmo dia e ele sentado na varanda viu chegar dois policiais e um oficial de justiça de posse de um mandado de ordem de despejo. Perdeu um patrimônio que construía com afínco e suor durante quarenta anos para a sanha desenfreada e ilusória do coronel Trazíbulo. Nem só Desidério, de Barreiros, entrou na baía, na barca furada arquitetada pelo coronel, mas inúmeros foram os agricultores que entregaram suas fazendas aos agiotas que batiam à porta buscando o prejuízo, e também ao próprio Coronel. Silenciosamente, foi surgindo como uma praga, por toda a região de Ingazeira do Norte, uma legião de mutilados. Aquela multidão de homens cotós e sem braços perambulando pelas feiras. Assemelhava-se a um ajuntamento de ex-votos no ermo de um cruzeiro abandonado na caatinga.

A fortuna de Trazíbulo crescia, a cada amanhecer, aos olhos dos conterrâneos. As notas de promissórias avolumadas num esquadro de roubo abarrotavam o cofre do velho agiota, deixando uma centena de cidadãos reféns de seu laço. Na caatinga, palavra dada valia ouro, e a repuna pra não pagar não existia, coisa rara.

Foi então que numa certa manhã o coronel ficou cego, não enxergando nem mais sua própria sombra dentro do velho casarão. A menina de Duestano passou então a ser sua guia. A falação do povo corria solta pelas esquinas naquele trecho do vale de Ingazeira do Norte. A chicana, a trança, o fuxico, a arrelia, a mangação passou a ser objeto de toda conversa naquele termo, quando analisavam o romance de Trazíbulo com a menina de Duestano. Duestano, porém, vivia envergonhado, cabisbaixo no oitão da casa por ter trocado a filha por um motor de sisal.

Para fazer alarde ao povo do trecho e para se mostrar para a menina, o coronel mandou vir da Bahia um automóvel Galaxie, de cor azul para ele zanzar por suas inúmeras propriedades dentro de seu latifúndio ao lado da menina. E convocou Givaldo Coxeba, na época o melhor chofer de praça, para conduzi-lo. No fundo, sentados no macio banco o coronel cego e a filha de Duestano, viajavam olhando a paisagem a partir da janela do carro. Não demorou um mês para que os chifres do coronel surgissem aos olhos do povo. O Coronel Trazíbulo imaginou que estaria abafando quando trafegava com sua limusine para vistoriar seu latifúndio.

Logo, num belo dia, desembarcou na cidade, o filho mais velho do Coronel, que morava distante, exigindo do pai o quinhão no inventário da falecida mãe. O ardiloso Trazíbulo armou, então, mais um bote. A vacaria, os mamotes, a bezerrada ele transferiu em caminhões de carregar gado na calada da noite para uma fazenda no interior do Piauí, deixando o filho mais velho a ver navios. E, lá em outro estado, arregimentou os compradores para o imenso rebanho. Quando o filho buscou seu direito oriundo da fortuna da mãe, Trazíbulo já tinha torrado nos cobre toda a vacaria. Para o filho só restava então as terras, das quais ele também tinha direito de herdar. Trazíbulo não contou história, pois nunca tinha aprendido a dividir. E os advogados requisitados da Bahia fizeram ver à Justiça que o filho não tinha direito a herdar nada. Pois o pai já o tinha deserdado ainda quando ele era apenas um pequeno infante. *Tempus regit actum et dormientibus non succurrit jus.*

Às quatro e meia da manhã, feito fumaça do gongo e *rebus sic stantibus*, Trazíbulo já se achava a posto, em pé. Mesmo cego, dando ordens aos poucos criadas que restavam dentro do casarão. E intimando a menina de Duestano a ir verificar se o motorista já estava na porta de sua casa. Quando arribava no mundo ainda de céu escuro, os poucos moleques que se encontravam na praça na boca maldita jogando conversa fora, comentavam:

“Lá vai o coronel gaieiro amolar os chifres!”

A menina de Duestano de Oliveira foi ganhando corpo dentro casa, tomando atitudes, inteirando-se da situação. Praticamente ela era quem administrava a fortuna de Trazíbulo, já que ele, sem a visão, só assinava qualquer papel se a menina passasse os olhos. Um dia a menina chegou para Trazíbulo e exigiu que eles próprios fossem à casa dos pais entregarem a velha promissória que o pai tinha assinado e não tinha pago. Saíram pela manhã os três, o coronel, a menina e o motorista, pelos caminhos esburacados que levavam à fazenda Queimada da Boa Vista, visitar a casa paterna e entregar de volta a Duestano a promissória que ele tinha firmado com o ardiloso.

Quando o Galaxie azul de Trazíbulo riscou na cancela da porta, Duestano, pela primeira vez, levantou a cabeça do chão, saiu de sua prostração de oitão de casa e se encaminhou para tirar o passadiço e abrir a cancela para seu visitante. Esperou tímidamente o motorista abrir a porta do carro e botou o Coronel para dentro de casa. Apesar de seus noventa anos o Coronel Trazíbulo andava, mesmo cego, com toda a empáfia do mundo. De peitoral alto, jogando as pernas para o lado, num bailado de doido. A menina segurando seu braço e ele com a cara para o tempo. Givaldo Coxeba ficou a limpar o pára-brisa do automóvel, do lado de fora. A menina pediu ao pai a benção, beijou sua mão, e se encaminhou para a cozinha para se avistar com a mãe. Havia já passado um ano que estava morando distante de sua casa, no ninho do Coronel Trazíbulo. Lágrimas vieram aos olhos da velha mãe catingueira quando avistou a filha já dentro do vão da cozinha assobradada. Passaram então as duas a matar a

saudade, a botar as novidades na pauta daquela conversa. Na sala, Trazíbulo tirava do bolso do paletó a velha promissória e entregava a Duestano de Oliveira.

- Nada mais me deve, homem. Eu é que fico de tabuada a menos para com você. Sua menina trouxe uma quantia em dinheiro para irem tocando a vida, se aliviando.

Calado, Duestano recebia a promissória e nada pronunciou ao velho coronel. Perguntou apenas se não queria um gole de café.

Trazíbulo balançou a cabeça afirmativamente, e disse:

- Com muito gosto!

Duestano se levantou da sala, foi até a cozinha e voltou com um bule de café e passou a servir o coronel. Não demorou muito para que o coronel se levantasse da sala humilde de Duestano e chamasse a menina pelo nome, para que viesse lhe acudir a chegar até o automóvel. Na porta da casa, enquanto o carro sumia no caminho, Duestano e a mulher observavam, sem dizer uma palavra, aquela cena do outro mundo.

Comendo, bufando, cagando, fodendo, dormindo, Trazíbulo levava a vida, apesar de cego. Remorsos ele não carregava, isso era propósitos de frouxos. A vida é semelhante ao sertão, vasta, azeda e doce, depende da paisagem, em que a pessoa queira se meter. Só muda o olhar. E quanto mais se mira mais se gasta. Se pensar numa vida chã, a vida será sempre feito dispinéia, levando susto, perdendo o fôlego, se acabando-se com besteira. Parecia às vezes que Trazíbulo tinha feito pacto com Matusalém, pois a cada dia, em vez de subir para o andar de cima, encantava-se. E um dia após a tradicional sesta, após xamegar com a menina, pediu a ela que mandasse o motorista ao Fórum Dr. Abelard Rodrigues dos Santos e trouxesse de lá o juiz, o tabelião e o oficial de registro civil de pessoas naturais. Ordem dada, ordem cumprida. Em pouco tempo chegava ao chalé do coronel a comitiva da Justiça. O Juiz de Direito da Comarca, foi o primeiro atravessar o longo corredor até os aposentos do coronel. Lá os dois se confabularam. E naquela mesma tarde, o casamento civil do coronel Trazíbulo Fernandes da Cunha com a menina de Duestano foi realizado, com comunhão total de bens, tendo como testemunhas os serviçais da casa e o motorista. Nessa mesma tarde, o tabelião lavrou a procuração em que concedia à menina plenos poderes sobre a fortuna do coronel. A procuração podia, porém, a qualquer tempo ser revogada, bastava o coronel cismar com alguma coisa.

Mais que depressa, o jornal Folha do Norte, de Feira de Santana, que circulava por todo o Sertão dos Tocós, estampava na primeira página a manchete do casamento de Trazíbulo com a catingueira do Campo Alegre.

A menina de Duestano passou então a dar as cartas naquele tabuleiro agreste. Após consultar o coronel, ela deliberava com desenvoltura todas as questões domésticas e comerciais. Aos sábados, dia em que os vaqueiros do

coronel acorriam ao Sobrado para receber o dinheiro da semana, era a menina quem assinava os recibos e acertava as contas. Tornou-se, num período de dois anos, a bola da vez daquela geografia. Os comentários, porém, de que ela dava corno no coronel não cessavam na cidade. Mas ela dava pouca importância a fuxicos de despeitados. A menina de Duestano tinha estampa de grande dama e em qualquer lugar que chegasse chamava a atenção por seu porte e sua beleza. Trajava-se discretamente, sempre de vestidos, com a barra da bainha abaixo do joelho. Não se mostrava vulgar. E tinha um jeito mimoso ao tratar o famoso Coronel Trazíbulo.

Dizem que a cegueira serve para iluminar o interior dos indivíduos e que o sujeito cego torna-se mais sábio ao atentar para a luz da razão. E foi assim que Trazíbulo, vendo o desenvolvimento da menina e seu traquejo para as coisas práticas do dia a dia, e com as eleições se aproximando, reuniu seu grupo político do qual ele era o chefe e indicou o nome da própria menina como candidata a prefeita da cidade. Convenção feita, candidatura registrada, mandou Trazíbulo desocupar um de seus palácios e transformar em comitê político de campanha. Vieram às eleições e, na antevéspera do pleito, o que se viu foi dinheiro à rodo nas mãos dos eleitores de cabresto do Coronel. Em cada casa do arruado, por debaixo da porta jazia um envelope pardo com a cédula eleitoral marcada e uma soma vultosa em dinheiro vivo para cada simpatizante da corrente. Quando as urnas foram abertas não deu outra, a menina de Duestano tinha-se tornado prefeita de Ingazeira do Norte. O coronelato prosseguia perpetuando-se naquela gestão. Trazíbulo continuava de longe, cego, tendo nas mãos as rédeas da Viúva.

O conservadorismo se mantinha nas propostas arcaicas empreendidas, pela prefeita para sua cabeça de porco. Nada mudava. O coronel queria de volta o que ele investiu na campanha, através de empenhos fictícios, de verbas federais e estaduais desviadas para o cofre da Praça dos Tamarineiros. A menina de Duestano passou com o tempo a rezar a cartilha cega do velho coronel. Se ela engrossasse o pescoço, o coronel lhe tomava a procuração que lhe dava amplos poderes de tocar sua fortuna, arrumaria qualquer artifício jurídico e a deixaria na rua, sem um papagaio para roer o cu, desmoralizada, feito bilhete de sereno. A menina de Duestano servia como boi de piranha, testa de ferro. Governava de fachada. Trazíbulo do alto de seus cem anos, cego, trôpego mas continuava ainda com a taca grande subindo de quinze em quinze dias. Para isso importava dos Estados Unidos da América caixas de um medicamento chamado Viagra, que Givaldo, decretado, ia ao aeroporto em Salvador, retirar na alfândega. O homem já tinha pisado no solo lunar, mas para, Trazíbulo, isso não passava de invencionice. Ele só acreditava no palpável, no que estava à frente do pau de seu nariz. Trazíbulo vivia em pleno século vinte, mas avesso a qualquer modernidade.

O casarão da praça passou novamente, a ser objeto de destaque naquela paisagem. Para ali, acorriam deputados, militares e o próprio governador do

estado em busca de apoio daquela base política conservadora. Novamente, como nas décadas de trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, voltou a porta do coronel a virar passarela de pessoas renomadas aos olhos tímidos do povo.

A chancela da corrupção tinha o aval do próprio Estado que fazia vista grossa às denúncias que surgiam através de abaixo-assinados, que eram encaminhados à Bahia. Nada se resolvia e a rapinagem do coronel e seus asseclas não encontrava limite. Foi aí que começou um movimento vindo de Pé de Serra, encabeçado por Pedro Falconeri Rios, Saturnino, Ildefonso, André, Quincas, Tonho Funga, Astézio, Mundinho de Liro, exigindo a emancipação política daquele termo antigo do Bugio, onde, no passado, na gruta do alto da serra habitava um frade francês de nome Louvain. O coronel deu testa. Toda forma de empecilho usou para que Pé de Serra não se tornasse cidade, e não diminuísse a arrecadação do seu município. E a roubalheira continuasse para os cofres dele próprio. Várias viagens foram feitas pelos líderes do povoado, pagando do próprio bolso as despesas de viagens ao Rio de Janeiro, a Brasília, após o plebiscito, para buscar as certidões que comprovavam a independência econômica e populacional do povoado em relação àquela sede administrativa.

Durou dez anos a batalha judicial. De um lado Falconeri Rios e seus companheiros buscando os direitos para o povo de sua terra, do outro, Trazíbulo, entesando para não criar o novo município, arranjando tramóias jurídicas. Em Gavião, novo foco de rebelião estorou com a anuência de Ezequiel Moura, Helena e Muliquinho, buscando também emancipar-se do cabresto do Coronel Trazíbulo. Em Capela do Alto Alegre, o eco da rebelião também chegou incendiando o povoado. E lá Chico do Sapato, Floripes, Miguelzinho, Du, Dona Tide, Áureo, Jovelino, Zé Nazaré e Napoleão exigiam a emancipação daquele distrito. Os processos corriam no Supremo e meio mundo de dinheiro essa gente gastou em passagem aéreas e honorários de advogados para ver seus povoados libertos da tirania do velho coronel dos Bugios.

Aquela mina de ouro que era a prefeitura para os cofres do Coronel, ficou desfalcada da arrecadação de três grandes receitas. E quando Trazíbulo foi tomar prumo, o Noventa, povoado que tinha na vanguarda José Ferreira, Piroquinha, Nino, João Luís de Oliveira, Gerolinda Moreira de Oliveira, Amado Gil, João Mota, João de Áureo, Deraldo, Dete e Almir como cabeças daquele pleito, exigia também o plebiscito e sua emancipação. Após um ano, o Noventa tornava-se Nova Fátima, emancipando-se, livrando-se do domínio de Coronel.

O reduto do coronel Trazíbulo, com o passar do tempo, ficava diminuto, com uma arrecadação pífia, somente dominando dois povoados: Barreiros, tendo à frente Pedro Ross de Queiróz, Otacílio e Genésio; e a Chapada, com Dona Mocinha, Waldemar, Antônio de Parradinha e Jaime, segurando o batente para o ilustre. Trazíbulo, cego, com a cara pra cima, orgulhoso, sem

dar o braço a torcer, via que a fonte da roubalheira tinha diminuído. E com as emancipações decerto ocorreria um retrocesso político em todo o município. Seu reduto fora estourado, seu curral de léguas ia aos poucos se rompendo para sua infelicidade. As emancipações se tornavam para ele uma espécie de afronta a seu poderio, pois a maioria de suas propriedades rurais em seu latifúndio estava localizada na área desses novos municípios. E o Coronel todo poderoso passou a ser obrigado a contribuir de seu bolso no pagamento de impostos para o progresso desses novos municípios.

A pensão de Leozina ficava estabelecida na praça que levava o nome do comerciante Godofredo Carneiro de Oliveira, primeiro a colocar um trapiche de curtir pele na Rua do Fogo. Godô, como carinhosamente os íntimos o tratavam, foi o homem, ao lado do Coronel, que mais teve mulheres naquela terra. Dramaturgo, escrevia suas peças teatrais e discursos políticos contestando a situação do município. E numa época, quando era proprietário da loja de tecidos da cidade, soltava o verbo no dia da feira através da boca do alto-falante de sua loja. Esculhambava qualquer um, botava o revólver na cintura e seguia para sua casa, sem medo de cara feia. Ao lado da pensão de Leozina, havia o entreposto comercial de Joaquim de Bela, o maior comerciante de farinha e molhados da cidade, onde mais tarde, Zé Evódio, seu filho, tocou o negócio. Pensões pela cidade havia pelo menos quatro: a de Marina, a de Branco e dona Anaídes de Badu, na Rua da Quixabeira, e a de Diúde, na beira do asfalto que ligava Ingazeira, ao Norte do país. Pelas pensões se passam, as novidades de uma terra. É ali que se hospedam os viajantes, os cordelistas, os vendedores de óleo de peixe-elétrico, os funcionários públicos em trânsito, ou algum olheiro em missão sigilosa.

Foi num dia da feira semanal que chegou num carro fretado, vindo do Junco, uma leva de rapazes que se hospedaram na pensão de Leozina, onde Lourinho, vindo de Candéal, com voz baixa, barbas longas, olhos verdes, magro igual a um caniço, de roupas amarrotadas, sem tomar banho, mas não era um lascado, tinha arame no bolso, também todos os sábados ali se alojava somente para correr o trecho daquela geografia sertaneja, buscando na paisagem um bálsamo para seu coração torpedeado de traição e desgosto.

Aqueles rapazes buscavam ganhar a vida naquele terreno estrangeiro. Ouviram pela boca de um cego que faltavam braços de homens para trabalhar naquele trecho. Chegaram sem fazer alardes nem arruaças de bebedeiras. O propósito seria estabelecerem-se em definitivo, constituírem família, construir uma história naquele deserto de almas. Sem a doença da preguiça rondando, eles foram aos poucos trabalhando tornando-se simpáticos aos olhos dos nativos. Nos dias em que um dos rapazes não achava trabalho, os companheiros o ajudavam a sobreviver naquela semana, dando-lhe a refeição. Nascia, ali, daquele grupo de homens o embrião que mais tarde seria a Loja Maçônica 26 de Agosto, em homenagem ao aniversário da cidade.

A menina de Duestano continuava à frente do poder municipal e um dos homens que viera na comitiva do Junco foi requisitado pelo coronel, para trabalhar com sua mulher, como secretário do município. Redigir discurso, minuta às autoridades, lavrar atas, missivas a deputados pedindo verbas, zanzar pelas secretarias de estado futucando convênios, essa seria sua missão. E a sabedoria daquele moço agradava os olhos do mangangão. Passou a ter trânsito livre no sobrado do caudilho, a participar da intimidade da mesa do glutão. Manso e educado, feito mineirinho, foi aos poucos caindo na graça do Coronel e da prefeita, furando lentamente o cerco. O moço de longe trazia em seu porte a juventude, o coronel só tinha o poder e o dinheiro. O jovem foi despertando na menina de Duestano um sopro leve de paixão. Dormir com velho toda noite e acordar com caatinga de velho ao amanhecer é pagar penitência, não dá no que preste.

Por mais que a riqueza de Trazíbulo seduzisse a menina, o porte do rapaz a chamava para o proibido. O olhar da menina pelo moço distante foi modificando-se com o passar dos dias. Já se disse que mulher e dinheiro se conhecem pelo cheiro. O moço de longe começou a tecer loas, a mostrar à menina um mundo que estava adormecido. Por além dos portões e da clausura do velho coronel ainda havia a vida lá fora acontecendo. Para um velho só resta a lembrança e o remorso. Havia um disparate de idade na relação que existia entre o coronel e a menina de Duestano. A linda cabocla parecia ser tetraneta do obtuso, e nada daquilo podia por muito tempo dar liga. Forçando a barra, agüentando o bafo azedo daquele miserável, seus arrotos intragáveis, sua remela no canto do olho, sua barba sem fazer, não levava ninguém ao paraíso. A menina de Duestano queria salvar sua pele e a da própria família. Se ela esperasse mais um tempo, ficaria com a fortuna do rabugento. Ela entendia que Trazíbulo não ficaria para a eternidade. Um dia teria que botar os pentelhos pra cima. E aliviá-la daquele abusado enxôlo. De nada adiantaria Trazíbulo colocar olheiro para vigiá-la, com medo de tomar um corno. Ela podia muito bem tirá-lo de tempo.

A arte de trair cada um sabe como exercer, basta ter a oportunidade certa e o lugar exato. Assim pensava a menina de Duestano, naquela tarde, depois que o moço do Junco, lhe trouxe documentos da prefeitura para que ela assinasse. Trazíbulo, a cada manhã tornava-se mais ciumento, colérico, a ponto de impedir a menina de despachar no gabinete da prefeitura. Seu gabinete no casarão passou a ser a própria sala de reunião de despachos. Chegou um tempo, após uma noite em que o Viagra não fazia mais efeito, deixando-o com suadeira, palpitações e falta de ar. Ele caiu em si, que do alto de seus cem anos não tinha mais a menor condição de ter potência. Proibiu de vez que a menina de Duestano sáisse do casarão. Se houvesse cerimônia pública que exigisse a presença da prefeita do Município, que o moço do Junco, o secretário, fosse representá-la. Trazíbulo não entendia que ele estava

em fim de carreira, cego, sem ver um vulto à frente, feito figura de presépio, na laúza de dar ainda ordens. A paciência da menina era seu grande trunfo. A vingança sempre morou naquele desgraçado e ela no debulho das horas ia cozinhando aquele galo velho que não mais cantava, só fazia esporar. Revoltado com sua própria decrepitude, agarrava com unhas e a própria dentadura postiça com um vigor que fisicamente não mais existia. naquele corpo combalido de senilidade. Trazíbulo se esquecia de que o próprio tempo é o remédio, dá o troco, sem pedir volta. O escândalo que passou a fazer na mesa da refeição em que nenhum repasto lhe agradava mais virou uma moda.

Inventou de só almoçar faisão ao molho pardo, e do sul do país, já que na Bahia não havia criação dessa ave. Vinham caixas e caixas da iguaria rara para satisfazer a fome daquele avaro. E quando abusava do menu inventava de querer almoçar carne de veado. Pelas caatingas não havia um só pé do bichinho para remédio, ele próprio em 70 anos dizimou toda a raça desse animal na região. E enlouquecido, pedia à menina que contratasse dez caçadores para lhe trazer um veado abatido. Dias havia, por pura sacanagem, que ele exigia que a menina de Duestano viesse limpar seus quartos, após ele cagar um quilo de merda, na grande latrina de porcelana portuguesa de Macau. Trazíbulo foi ficando endiabrado, parecendo que o Cão tava querendo seu corpo como encosto. Passou a não mais rezar na hora que ia se deitar. Resmungava que na vida já tinha orado demais, agora necessitava de tesão. Se houvesse um santo que lhe desse uma graça do pau subir e ele pagaria a promessa e voltaria a rezar cotidianamente. De descaração Deus não gosta e quem zomba do Divino um dia recebe sua porção de zombaria. Ficava aquele velho na tarde calorenta no gabinete a ouvir tropéis vindos de longe, de algum lugar. E medroso daquela cena que ouvia, gritava para a menina de Duestano, a prefeita, que ela fosse até a janela observar que tropas de cavaleiros vinham a galope, o que significava aquele ajuntamento de homens. A menina ingênua das loucuras que Trazíbulo aprontara na vida, chegava à janela e enxergava a praça deserta, sem um pé de pessoa passando. O coronel vivia encangando grilo, no cerca-lourenço, cozinhando galo, aporrinhando, ouvindo do tempo os tropéis de uma revolução. Somente o timbre melodioso da voz da menina de Duestano povoava aquele casarão com algum toque de musicalidade. A oxidação, o zinabre, a ferrugem cobria o cenário burlesco daquele palácio sertanejo. O histrião com toda a pança produzia eructações tão escandalosas que mais pareciam o barulho de um motor de Scania Vabis. O marmorito da soleira da porta já demonstrava a multidão de passadas dadas no tempo. O relógio em forma de oito, na parede, batia o badalo e o som das horas se ouvia em eco por todo o casarão. A serviçal chegava ao gabinete e dizia:

“Sinhá, o almoço já está na mesa.”

Começava o calvário da refeição. Trazíbulo, cego, sendo levado no escuro, Tateando, com cara pra cima, buscando apoio no firmamento da

cumeeira, iniciava a cantilena. Tinha perdido também o paladar. A comida vinha com gosto de papel e plástico, inodora, purgante. Descer a colher até a boca demorava um século de deglutição. Bolo de fermento parecia preparado pelo cão, pensava ele. Se abrisse os olhos não enxergava nada. Ficava como uma escória inerte, na cabeceira da mesa, de olhar perdido, sem tomar atitude, blasfemando impropriedades fora de hora. A mulher do outro lado da mesa tentando acalmá-lo. A serviçal a lhe oferecer sobremesa, e ele já puto, mandando que ela metesse o doce de leite no rabo. As refeições na casa de Trazíbulo, passaram a ser suplício de condenados. A menina de Duestano abaixava a cabeça, envergonhada dos impropérios do caudilho. A serviçal limpava a boca do patrão, pegava-o pelas mãos, e se encaminhavam pelo corredor escuro até os aposentos do dono da casa. Pelo caminho, subindo os degraus que levavam, ao quarto, o velho tinha mãos trêmulas, mingo. Sozinho na imensa cama de casal com a cabeceira do móvel quase batendo no teto, ostentando grandeza faraônica, passava a tirar a sesta habitual, lutando em sonhos com fantasmas do passado. A tarde teimava em cair. E às três horas gritava do quarto com aquele tom de voz de baixo-barítono que vai perdendo o vigor para que a serviçal viesse novamente tirá-lo do leito. Zanzava, trôpego, naquele bailado de caititu em direção ao gabinete.

Sentava-se no sofá de palinha. A mulher do outro lado, na escrivania, tinha por perto o moço do Junco que visitava trazendo uma pilha de documentos para que a prefeita do município desse os despachos. O moço levantava com a chegada do Coronel, ia a seu encontro e se justificava.

- Boa tarde, Coronel Trazíbulo! Minha vinda a vosso gabinete se deve à assinatura de alguns documentos pela Prefeita que a Secretaria de Agricultura está cobrando ao município. Trata-se da campanha contra a febre aftosa. O governo vai mandar vacinar todo o rebanho da região.

Trazíbulo, calado, com a cara pra cima, de frente para a janela que dava para a rua, feito um espantalho de plantação, inquiria:

- Há muito tempo que venho observando o senhor, seu tom de voz. Eu tou já cego, não enxergo mais nada e não sei como é sua cara. Mas, meu filho, me diga você nunca teve aqui antes?

Ao que o moço do Junco, disfarçando, pois quem marca a viagem é o gado, ia até seu encontro, tirando-o do suspense.

- Minha infância, Coronel, eu passei no Junco, e minha adolescência eu morei na Bahia, quando lá estava estudando. Nunca andei pelo sertão antes.

O Coronel como que buscando na lembrança aquela semelhança da fala, dizia:

- É... Mas ainda penso que sua voz é parecida com a de alguém que eu conheci.

O secretário se despedia do coronel, pegava de volta a pilha de processos

sobre o bureau da prefeita e despedia-se de todos.

- Até amanhã, coronel Trazíbulo.

Trazíbulo, franzia a testa e resmungava.

- Até.

A menina de Duestano, levantava da mesa, chegava até o sofá de palhinha e falava para o marido:

- Amanhã pela manhã vamos à fazenda visitar papai.

O Coronel nada dizia. A menina de Duestano se retirava do gabinete e andava para ala sul daquele casarão, onde, numa poltrona macia, passava boa parte da tarde a assistir novelas mexicanas na televisão, enquanto traçava sequilhos com suco de cajá. O velho, esquecido no gabinete, era levado novamente pela serviçal ao longo do imenso corredor para tomar seu banho vespertino de fim de dia. A cidade lá fora, como se estivesse também tropeçando, caminhava, naquele ritmo samongo, lento sem nada de novo no horizonte, naquele selesso de setém de fim de mundo, lonjuras. O povo de brida na boca, a reboque dos caprichos dos governantes que ajudou a eleger, ainda se prestava à noite para freqüentar a novena da igreja e a rezar pela saúde do coronel Trazíbulo Fernandes da Cunha, assim pedia o padre no altar. A igreja fazia sua parte, ajudando a perpetuar aquele curral de Trazíbulo. A noite chegava, avançando lentamente, sem lobisomens perdidos pelos quintais, sem jetiranabóias voando no breu, sem uivos de raposas. A vó-da-lua piava no ermo, a cidade dormia, contrita com seu coronel seni. O Coronel em seu leito sonhando com o vagalumar. Éguas, jumentas e mulas num canto de cerca, num fim de um corredor, de vulvas abertas abrindo e fechando, feito vagalume, mucosas vermelhas urinando aos pingos e aquele cio incendiando os sertões.

Na manhecença do dia, naquele traviá costumeiro, Givaldo Sabão de Mula, bem cedo, já estava na porta do casarão, com o Galaxie azul, à espera do Coronel e da prefeita para fazer a viagem até a Queimada da Boa Vista, em Campo Alegre, nas estradas que levavam a Casa Nova e Ichu. Desceram, aquela comitiva municipal, pelos caminhos encharcados de lama, com o carro emperrando no massapê. Ao avistar a porteira da casa, um friozinho perpassou o coração da menina, saudosa de seu verdadeiro povo. O pai veio a seu encontro, de sorriso nos lábios e a mãe na porta a aguardar para um caloroso abraço. Trazíbulo desceu ajudado do carro pelo motorista. Sentou-se na sala com a cara pro tempo, alheio à cena. Duestano ofereceu-lhe um café. Recusou. Podia brear a camisa, fazer feio em casa alheia. Evitou o transtorno que a cegueira lhe causava. Conversaram um dedo de prosa. Nada de importante para os dois. A menina na cozinha a entregar à mãe um envelope com a ajuda financeira para agüentarem a quadra. A mãe a colocar num prato, como mimo, um pouco da comida que estava preparando, para ela matar a

saudade daquele tempero costumeiro, um bife de caldo.

Sentada, ao lado do fogão de lenha, correu as vistas pro teto, pro canto da porta, nada tinha mudado naquele cenário. A mãe, um pouco obesa, as roupas as mesmas, desde que dali saíra para a casa do coronel. A velha saudosa da filha pedira que ela não demorasse muito de vir visitá-la. As duas se abraçaram. Novamente, a menina de Duestano, dentro do carro, olhando pelo vidro do fundo, o pai e a mãe, de olhar choroso, na porta da casa, enquanto o automóvel seguia pelos atoleiros em direção à Ingazeira do Norte.

Foi com o tempo, com o passar dos dias, o Coronel caindo em desuso. A menina de Duestano constatou naquela manhã, ao lhe tomar um conselho, que o coronel Trazíbulo Fernandes da Cunha já não tinha mais tino. Caducara de vez. Sua presença no gabinete da prefeita passou a ser evitada. E nem mais para a mesa ele podia se locomover. Ficara restrito a seu aposento. Por respeito, a menina de Duestano continuou a despachar dentro do casarão. E a nomeação de funcionários para cargos na esfera municipal e estadual passou a ser indicação dela, sem mais o aval de Trazíbulo no ouvido, dando palpites, aos poucos a catingueira da Queimada da Boa Vista ía tomando o lugar em definitivo do coronel, sem grita, sem alarde, silenciosa, trocava paulatinamente as pedras daquele tabuleiro político adusto.

Trazíbulo, naquele estado de permanecer o dia inteiro prostrado no leito, foi o corpo enchendo de escaras, que lhe causavam incômodo e sofrimento físico. Primeiro por toda as costas, depois as pernas e os braços. As feridas foram ficando abertas, e os mosqueiros do velame foram encostando no quarto, provocando o zumbido da morte. Aquele quadro fantasmagórico na tarde de Trazíbulo se encaminhando para se encontrar com a Senhora da Foice, se assemelhava ao quadro “*Na Parábola dos cegos*”, de Pieter Brugel, onde uma queda em cascata de um pequeno grupo de pessoas ilustrava o poderio daquele que foi o senhor de Ingazeira do Norte, dos Tocós, e do Bugio. Foi aos poucos Trazíbulo gemendo por dias e dias, noites e noites em claro, as feridas cada vez mais numerosas e profundas, nada cicatrizava, nenhum unguento, nenhuma pomada milagrosa. A água lhe era dada em colher, feito passarinho. A notícia de que estava morrendo foi chegando aos ouvidos do povo, foi a raia miúda se comovendo com o estado do caudilho, foi formando uma multidão na porta para visitá-lo, aquele que durante um século ferrou aquela gente com rosetas deitadas de prata. Dizem que uma horda de cem demônios levaram o Coronel Trazíbulo naquela tarde ensolarada em definitivo para as profundezas do inferno. Um velho vaqueiro de uma de suas propriedades, ao sair do quarto onde o coronel se encontrava, morto, disse para um conhecido, no corredor escuro daquele casarão, com o chapéu de baeta na mão, sentenciando:

“O Coronel já não manda mais no trecho de Ingazeira do Norte...”